

Brasília antiga

Fotos: Arquivo

50 anos em cinco, anos dourados, máquinas a todo vapor e os gaviões à solta no Planalto Central. Assim começou Brasília. Candangos e funcionários públicos compartilhando a poeira, e as poucas mocinhas casadoiras vigiadas vinte e quatro horas ao dia por suas mães. Uma boabeada, e era uma vez uma honra, pois os homens, sem as respectivas esposas, não eram nada sutis.

O quente na época dourada, eram os hi-fi's ou bailes do chiquêrrimo Brasília Palace Hotel, às margens do Lago do Paranoá. A Cuba Livre e o Piperman — menta tomada em copo grande com canudinho — coloriam os copos, e os casais bailavam. O flerte era o quente, os olhares se cruzavam até que o cavalheiro tomasse a iniciativa de tirar a eleita para uma dança. As mães, obviamente, fiscalizavam os movimentos dos pares com rigor, mas não deixavam de verificar se o partido era bom. Tipo, segura a honra, e garante o casamento. E para ilustrar o fato, Sílvia Helena, hoje avó de seis netos, recorda um embaraçoso episódio, passado por uma figura que atualmente tem renome nacional. Ele devia ter uns 42 anos aproximadamente. Moço bem apessoado, que aproximou-se da mesa onde estavam Sílvia, três amigas, e a mãe da escolhida. Os olhares atravessavam o salão da boate, até a fatídica aproximação. Dançaram a noite toda, e em determinado momento, o lindo casal resolve descansar. As mesuras para com a mãe da moça não foram poupadas. Que homem cortês, pensavam as amigas, invejando a sorte daquela que, com apenas 19 anos arranjara um bom partido. Maravilhadas e boquiabertas, foi assim que receberam o lisonjeiro convite para um jantar.

A encomenda foi especial, e o garçon recomendado para preparar, no salão ao lado, a mais linda mesa de sua vida — repleta de flores. Encantadas, as moças encaminhavam-se para o restaurante. A eleita, a essa altura, encontrava-se em êxtase, de braços dados com o cavalheiro aprovado pelo controle de qualidade materno. Nesse interim, uma senhora chegava ao Brasília Palace. Cansada da viagem, tratou de procurar a melhor maneira de instalar-se. Para tanto, dirigiu-se à portaria, perguntando em que quarto hospedava-se o marido. Devidamente arrumada e refeita dos percalços da chegada, a esposa, através de um garçom ficou sabendo que o marido encomendara uma mesa para um jantar. O eficiente rapazinho aconselhou-a a sentar-se e aguardar o marido, que naquele momento já devia estar se encaminhando para o rico salão. O encontro aconteceu. Pode-se inclusive imaginar como o fino ambiente do Hotel deve ter tido suas estruturas abaladas. Sem comentários.

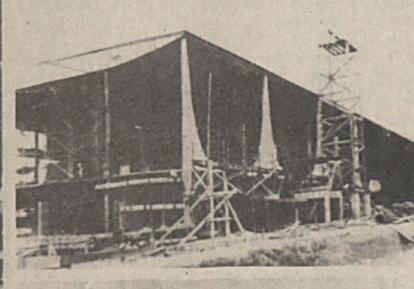
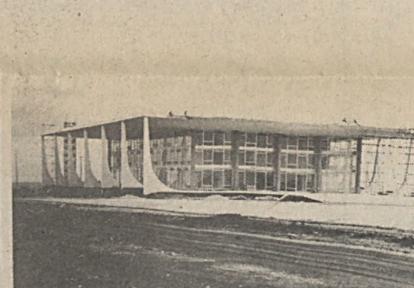
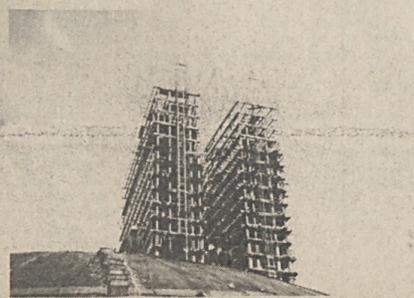
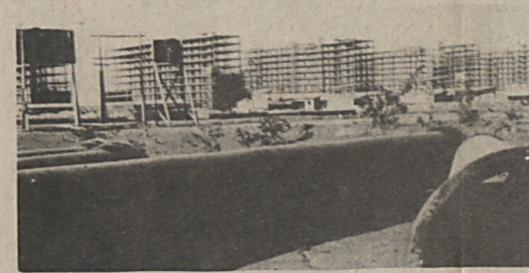
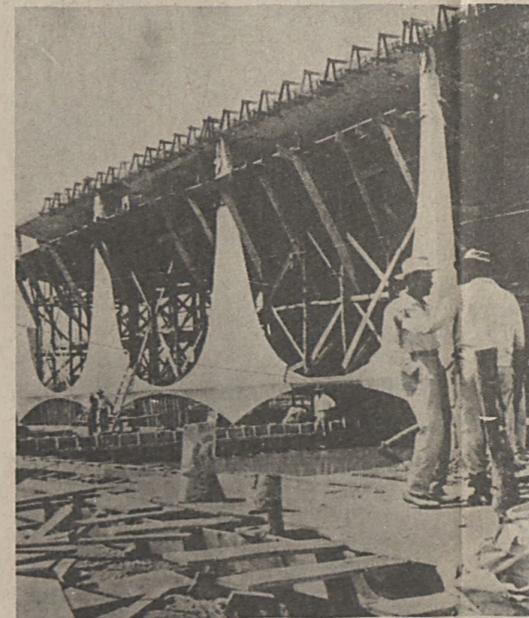
Mas nem só de ouro viviam aqueles anos. Os candangos trabalhavam duro na construção civil, e tinham a expectativa de, quem sabe um dia, descansar tranquilos na tão sonhada nova Capital. Contudo, a GEB — Grupamento Especial de Brasília — a polícia da época, não dava folga. Convivia-se com a morte, ou melhor dizendo, com assassinatos, como uma coisa natural. Um desentendimento, corriqueiro em um boteco, envolvendo policiais e candangos era o suficiente para que o mais fraco fosse apagado. Não havia punições nem apurações. Simplesmente o ilustre operário desaparecido talvez nunca tivesse existido. O célebre e hoje pouco comentado massacre da pacheço; ocorrido ao final da década de 50, na Vila Planalto, foi um exemplo de arbitrariedade e impunidade do GEB. Uns dizem que tudo começou porque os candangos resolveram fazer um painel como forma de protesto às péssimas condições da alimentação oferecida no canteiro. Porém, segundo depoimento de um funcionário da Novacap, o caso nada tinha ver com comida. Elê, que fazia

Mônica Silva da Silveira, do JBr, arrumou suas bagagens e fez uma viagem de volta no tempo. Chegou a Brasília, quando ela ainda ostentava o orgulhoso título de Novacap, em contraponto à Belacap, o Rio de Janeiro, que perdia cetro e coroa para o cerrado. Aqui estão algumas memórias de uma cidade com menos de três décadas de idade mas que já tem muito a contar para os seus filhos (já adultos) e seus netos (bem jovens ainda). Muita gente, que mora aqui há bastante tempo, lembra e sabe contar a respeito de algumas histórias (às vezes, com aspectos fabulosos) que sempre passaram de boca em boca e que compõem o passado da capital da República. Há, por exemplo, o relato das mocinhas em flor que salam formosamente vestidas de branco para os bailes da cidade e que chegavam ao clube avermelhadas pela terra de cor forte que voava das construções. Isto quando não corriam o risco de serem atropeladas por emas e outras aves de grande porte que existiam aqui. Leiam as histórias e lembrem-se.

suas refeições no mesmo local, declarou nunca ter tido o que reclamar em relação ao que era servido, acrescentando inclusive que, por vezes, o próprio Oscar Niemeyer, deglutia o mesmo cardápio. Portanto, o problema todo foi desentendimento com a polícia, e o fato do massacre ter acontecido pela manhã, já é um forte indício que o motivo não era o almoço.

Os candangos começavam o seu dia. Paulatinamente a rotina começava a tomar forma. Alguns retardatários ainda dormiam, e morreram sem saber como deixaram a vida. Os homens do GEB chegaram, e armados das famosas «Lurdinhas», metralharam o alojamento de madeira e quem mais estivesse ao alcance da chuva das amargas balas. Os corpos foram remetidos para o necrotério do Hospital JK. Uma parcela infima dos assassinados conseguiu ser recuperada pelas poucas famílias residentes na cidade que nascia. A grande maioria sequer foi identificada. Do necrotério os corpos foram alojados em caixões de compensado e postos em caminhões como carga, para serem enterrados em Planaltina, Luziânia e Formosa.

Mas nem só de agruras viviam os candangos. No bar Oásis, na famosa Rua da Igrejinha, que reunia engenheiros e funcionários públicos à noite, e candangos durante o dia, o disco de Elvis Presley quase furou. Todos cantavam e sabiam de cor *Love me Tender*. E a famosa, e única rua à época, tinha em um de seus blocos um estabelecimento muito especial. A pizzaria Dom Bosco atraía, e atrai até hoje, uma clientela cativa que não abdica do prazer de saborear a melhor pizza da cidade. Na atualidade, os encontros se dão no mesmo clima fraterno da época, e os frequentadores não param de crescer, pois, a tradição passa por avós, pais e netos. Outra pizzaria famosa, é a Kazebre 13, situada na atual 504 Sul, que, como Brasília, foi também inaugurada no dia 21 de abril de 1960. O Kazebre 13, era realmente um casebre. Edificado em madeira, o prédio tinha teto de zinco e em seu interior encontravam-se mesas e bancos de troncos de árvore. Muito bem frequentado, mantém até hoje a tradição que faz com que sua pizza tenha um sabor especial: forno de lenha. A exemplo da Dom Bosco,



encontra-se na sua terceira geração de assíduos frequentadores.

Naquele tempo, o brasiliense não se incomodava com o barulho, muito pelo contrário. E a Confeitaria Pigalle, na 305 Sul, era um dos mais elegantes redutos da elite da época. Segundo Stefano Milano, dono de um dos mais antigos armazéns da cidade, o movimento da confeitaria só parava lá pelas três, quatro horas da manhã. Ele afirma que o clima ali, era quase como o de uma boate. Um incêndio, na década de 70, destruiu o paraíso dos anos 60.

Outro bom divertimento era o Cine Brasília. Marieta Pontes, ex-mocinha anos dourados, relembra a famosa sessão das dez: «Era tanta gente que se aglutinava na sala de espera, que não se entrava na sala de projeções, se era levada». Os flertes não faltavam, e a já conhecida Sílvia Helena acrescenta, «ah, que delícia». Mas nem tudo eram flores, e para se chegar bonita e charmosa até o famoso cinema, tinha-se que vencer a poeira. Marieta, que morava na Metropolitana, andava um bom pedaço a pé até chegar ao Núcleo Bandeirante, para pegar o ônibus que a levaria ao paraíso. Antes disso, uma ponte sobre um riacho tinha que ser atravessada, e os delicados e elegantes sapatos ficavam enlameados e empoeirados. Mas todos os sacrifícios compensavam o prazer de aparecer linda e bela aos olhos dos elegantes cavalheiros, e das amigas que fossem encontradas. Marieta, então, elegantíssima, trazia um sapato na bolsa, que seria trocado em ocasião adequada, e a faria brilhar até que a primeira rajada de vento, os famosos «lacerdinhas», como miniciclones resolvessem soprar, empoeirando seu visual. Em 31 de março de 1964, o golpe militar veio forte e alterou o ritmo de vida da cidade. As ruas, até então povoadas pelos poucos residentes, ávidos de diversão, tomaram uma tonalidade verde-oliva, e Maria Cristina, na época uma jovem senhora, mãe de duas crianças, relembra o fato histórico, sob sua ótica de dona-de-casa, esposa de um funcionário público: «O zum... zum... zum... começara na véspera, e o motivo era o comício realizado no Automóvel Clube, no Rio de Janeiro. Um vizinho, sargento do Exército, dizia que a situação estava insegura, e que um golpe ou revolução ameaçava estourar». Na manhã do dia fatídico, a jovem, bonita e assustada senhora recebeu de uma amiga a recomendação de que fosse às compras, porque o golpe havia sido deflagrado. Como o marido se encontrasse no Rio de Janeiro, ela tomou as rédeas da casa, deixou suas crianças sozinhas, o que não era o seu hábito, e partiu em direção ao Mercadinho Ninar, na 106 Sul. Como as comunicações tivessem sido interrompidas, não se sabia as proporções do golpe. Portanto, tudo o que fosse encontrado deveria ser comprado, principalmente latarias. Maria Cristina ficou chocada ao ver um senhor arrebatando todas as latas de salsichas e sardinhas de uma prateleira e colocá-las em um carrinho de compras. Estarrecida, ela se perguntava: «Será que ele vai ter condições de consumir tudo isso?» Depois de percorrer o Ninar, a SAB e a mercearia do japonês, o saldo adquirido era apenas açúcar, ovos, carne e leite. Ao retornar para casa, na 107 Sul, as crianças tensas e chorosas se engalfinhavam na cozinha, tentando superar algo que não era possível de ser compreendido por suas cabeças, mas que era passível de ser sentido no ar.

«Brasília estava ilhada», afirma a senhora — hoje com 54 anos — acrescentando que «o ir e vir estava cerceado, não se podendo andar sem documentação, nem conversar em voz baixa ou se reunir em mais de três pessoas». A normalidade tinha sido alterada, e o que era feito até o dia anterior, com naturalidade, poderia ser considerado um ato suspeito de subversão... E assim Brasília começou... Há quem diga que a jovem cidade não tem história ou tradição. Será que não?